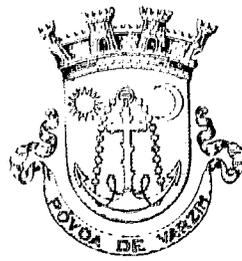


P Ó V O A  
DE  
V A R Z I M

BOLETIM CULTURAL

DIRECTOR  
FLAVIO GONÇALVES



VOL. VI

1967

N.º 1

EDIÇÃO  
DA  
CÂMARA MUNICIPAL

Não é necessário encarecer o interesse do estudo de tão interessante como significativa tradição. Sem dúvida que há muitos problemas em suspenso quanto à sua origem e influências estranhas que possam ter determinado a sua génese.

De qualquer modo importa estudar o que haja ainda destas velhas marcas, como é o caso das existentes nas portas da Capela da Senhora da Bonança. Tal estudo terá de ser feito meticolosamente, no intuito de se carrearem novos materiais que contribuam para um melhor conhecimento etnográfico dos povos do litoral.

As portas da Capela da Senhora da Bonança estão cheias de marcas, como se pode ver pelas fotografias das figuras 1 e 2 tiradas pelo Prof. Doutor Santos Júnior quando em Junho de 1964 ali as fomos estudar.

Na presente contribuição procuramos apenas comprovar a hipótese de existirem marcas de génese fangeira. O estudo das marcas será feito noutra oportunidade.

## FRANCISCO GOMES DE AMORIM

(13-VIII-1827 — 4-XI-1891)

### NOTAS PARA UM ESTUDO

(continuação)

por CRUZ MALPIQUE

#### O PRIMEIRO ENCONTRO COM GARRETT

A carta em que Garrett respondia à de Gomes de Amorim, e que lhe chegou às mãos, levada pelo navio *Conceição*, é do teor seguinte:

«Lisboa, 5 de Outubro de 1845.

II.<sup>mo</sup> Sr. Francisco Gomes de Amorim.

Recebo muito retardada a sua carta de 25 de Janeiro deste ano. E confesso-lhe que me enterneceu devéras a pintura dos seus padecimentos. Em quê, porém, e como poderei eu aliviá-los?

— Se V. S.<sup>a</sup> estivesse aqui ou se para aqui se regressasse, eu faria quanto em minha mão estivesse para melhorar a sorte de um patricio que me parece digno de toda a estima.

— Acredite que lhe falo com toda a sinceridade. O estado de moléstia em que estou há bastante tempo me impede de ser mais extenso como eu quisera ser para

o consolar, se é que as minhas letras para isso podem contribuir. Mas realmente não posso mais, e peço-lhe que creia que sou com verdadeira simpatia — De V. S.<sup>a</sup> muito atento venerador e criado. — J. B. de Almeida Garrett» (1)

Que pretendia, primordialmente, Gomes de Amorim, em relação a Garrett? Ele o diz, nos termos seguintes:

«Eu desejava instruir-me; e fora com esse intuito que me dirigira ao grande mestre; estudar sob a sua direcção, principalmente; estudar com ele, e estudá-lo, para ver se descobria as causas do seu imenso talento, a arte, que ele tinha, como ninguém, de comover e de entusiasmar os que o liam! Parecia à minha ingenuidade que o contacto, a convivência, a proximidade de tão prodigioso engenho, devia necessariamente revelar-me as origens da sua raça inimitável; patentear-me os segredos da sua maravilhosa potência; e conceder-me poder, não imitá-lo, nem sequer rastejá-lo, mas polir-me no seu trato íntimo; lapidar a minha modesta inteligência com os diamantes finíssimos da sua.

Era este o meu sonho de então; e, para realizá-lo, não haveria perigos que eu não afrontasse, tormentos que não padecesse resignado. Tinha pouca idade; escasseavam-me os recursos para emprender a viagem; e atemorizavam-me algumas pessoas com a perspectiva da miséria, que de novo me assaltaria no meu regresso à pátria! Que me importavam tais obstáculos a quem vivia desde o berço, costumado a lutar com eles? Fora-me porventura mais propícia a terra estranha?» (2)

E, assim pensando, «no mesmo dia 12 de Fevereiro [de 1846] em que recebeu a carta do poeta», resolveu que «aproveitaria do primeiro navio que saísse, para ele regressar à pátria» (3).

«Vencidos todos os obstáculos (e não foram poucos nem pequenos!) que se opunham à minha partida (informa Gomes de Amorim), embarquei, finalmente, 22 de Março de 1846, no patacho *Júlio*, da carreira do Porto, trinta e dois dias depois de ter recebido a carta de Garrett.

Chegado ao Minho, no mês de Maio, por ocasião dos acontecimentos políticos que nesse ano agitaram, primeiro aquela província, e em seguida todo o país, não pude resistir ao desejo de



Almeida Garrett na época em que Gomes de Amorim o conheceu.

Litografia de P. A. Guglielmi, no início da 1.<sup>a</sup> edição do *Frei Luis de Sousa* (Lisboa, 1844).

(1) *Memórias biográficas de Garrett*, por Francisco Gomes de Amorim, tomo I, pp. 4-5, Lisboa, 1881.

(2) *Ibidem*, pág. 5.

(3) *Ibidem*, pág. 6.

molhar também a minha sopa revolucionária na caldeira dos patriotas; e por isso só em 6 de Julho desembarquei em Lisboa» (1).

Vinha munido de vinte cartas de recomendação. E logo esta ironia: «Algumas das que eu trazia eram para pessoas que se diziam grandes; outras, para sujeitos que desejavam sê-lo... Só um modesto caixeiro me acolheu como eu imaginara que devia ser recebido pelos outros todos!» (2).

Vinte cartas de recomendação. Das vinte, porém, dezanove eram cheques sem cobertura moral. Aqueles dezanove indivíduos, a quem Gomes de Amorim vinha recomendado, mandaram-no ver se chovia...

Foi então que o nosso homem se dirigiu a casa de Garrett, que, ao contrário dos outros, o recebeu.

«Durante alguns segundos foi-me impossível — confessa Gomes de Amorim — achar expressões; e Garrett, adivinhando, talvez, que o meu constrangimento provinha da diferença que havia entre nós, foi conversando comigo de tal modo que ao fim de cinco minutos me tinha posto à vontade, sem eu compreender por que mágico encanto se havia operado semelhante mudança» (3).

Era, agora, preciso arranjar emprego que deixasse a Gomes de Amorim algumas horas diárias para estudo.

### DIALOGO AZEDO COM JOSÉ ESTÊVÃO

Garrett deu, a Gomes de Amorim, várias cartas de recomendação, para ver se era possível arranjar-lhe emprego condigno. Uma dessas cartas era para José Estêvão, e com este ocorreu um episódio pitoresco, de que Gomes de Amorim dá notícia nos termos seguintes:

«José Estêvão residia então, se bem me lembro, no Largo das Duas Igrejas, num andar do prédio que pega com a Encarnação. O ilustre tribuno estava no vigor da idade, e a sua bela cabeça impressionou-me vivamente. Porém, o modo quase desabrido por que ele me recebeu inspirou-me certo ressentimento, que só passados anos e com o seu trato íntimo consegui esquecer inteiramente.

José Estêvão mandou-me sentar à sua banca, deu-me uma pena de pato, das que têm a forma das de aço, e disse-me que escrevesse o que eu quisesse. Perturbado, e irritado ao mesmo

(1) *Ibidem*, pág. 6.

(2) *Ibidem*, pág. 7.

(3) *Ibidem*, pág. 10.

tempo com a rudeza militar com que ele me tratava, escrevi com mão trémula poucas palavras, ao acaso e quase sem nexo. José Estêvão pegou no papel, e depois de ler e de olhar para mim algum tempo, sem me dizer nada, sentou-se e escreveu, por sua vez, meia dúzia de linhas.

— Leia isso — me ordenou, levantando-se.

Tentei-o em vão! Estava claro que lhe não agradara a minha letra. Mas a dele não era mais feliz comigo.

— Entende?

— Não, senhor.

— Pior é essa! Então, se você não sabe escrever nem ler, que diabo quer que eu faça em seu favor? O Garrett diz-me que lhe supõe merecimentos; ofereço-lhe agora ocasião de os mostrar, e...

Calou-se; e pôs-se a pensar noutra coisa: Imagine-se como eu ficaria!

— V. Ex.<sup>a</sup> faz-me o favor de ler o que escreveu?... A minha letra é péssima, confesso; creio, porém, que se entende...

— Entende-a o senhor. Grande façanha! Também eu entendo a minha.

Tirou-me o papel das mãos e lançou-lhe a vista.

— Aqui está. Diz assim... diz... Que diabo fiz eu aqui?!

— Já V. Ex.<sup>a</sup> vê que não é muito fácil, pois que nem o próprio autor pode ler sem dificuldade...

— Ora adeus! Isto lê-se perfeitamente! Diz... diz... diz o diabo que me carreguel Sei lá o que isto é!...

E amarrotou o papel nas mãos.

— Volte por cá; se aparecer coisa que lhe sirva, falaremos.

Entendi o que significavam aquelas palavras, e sai sem saber que opinião devia formar do original que as proferia.

Nunca mais lá tornei, como pretendente; mas tive depois ocasião de apreciar o homem e fui seu amigo muitos anos» (1).

José Estêvão era difícil de assoar. Gomes de Amorim não o era menos. Uma das características fundamentais do seu perfil moral foi sempre a ciosa independência. Honra lhe seja! Não se dobrava ao mais forte, quando este contra ele cometia arbitrariedades.

Não tendo conseguido nada com as cartas de recomendação que Garrett lhe dera, impunha-se ir bater a outra porta. Foi ainda Garrett quem o mandou com carta sua procurar José Isidoro Guedes, que morava na Rua Nova do Carmo, no Hotel da Europa. José Isidoro era contratador de tabaco. Recebeu Gomes de Amorim com toda a cortesia, e acabou por dizer-lhe que, pri-

(1) *Ibidem*, pp. 13-14.

meiro, falaria com Garrett, antes de tomar decisão, relativamente à sua pretensão de emprego. Seu dito, seu feito. Daí por dois dias, recebia Gomes de Amorim notícia de que lhe era dado emprego nas condições que desejava: «tive ordem para me apresentar nas repartições do contrato de tabaco, que ocupava então parte do edifício do banco de Portugal, no Largo do Pelourinho. Indo ali, disse-me José Isidoro que não havia banca nem lugar destinado para mim, e que só receberia meio ordenado enquanto não entrasse em exercício» (1).

Gomes de Amorim quase não chegou a aquecer o lugar. Demorou-se nele não chegou a três meses. E justifica:

«No dia 6 de Outubro de 1846 sobreveio a revolução que derrubou o ministério do duque de Palmela. Eu pertencia, por opiniões e simpatias, ao partido dos vencidos. Persuadi-me, não sei com que fundamento, que os contratadores seguiam a política do novo ministério; e como me sentia humilhado por ter recebido sessenta dias de salário, que, apesar de insignificante, não era paga de nenhum trabalho, dei a minha demissão e tratei de criar posição mais independente.

Garrett, para evitar perseguições, que em todos os tempos calamitosos é de uso fazerem-se aos homens eminentes, se estes não apoiam os governantes, teve de esconder-se. E numa das ocasiões em que eu ia procurá-lo, disse-me o criado que ele não estava em casa. Ouvindo-lhe a voz, tomei por falta de confiança a recusa de me receber, e fiquei tão profundamente magoado que deixei de ir a sua casa, até ao dia em que, por um acto de benevolência sem exemplo, os poetas, romancistas, dramaturgos e publicistas portugueses se dignaram honrar-me, dando-me um jantar público de setenta talheres, presidido pelo imortal cantor de Camões.

Daí em diante nunca mais nos separámos, senão pela sua morte» (2).

(1) *Ibidem*, pág. 14.

(2) *Ibidem*, pp. 14-15.

«De volta a Lisboa, no ano cremos que de 1846, viu-se abandonado e so, e aprendeu corajosamente o ofício de sombreireiro, para ganhar o pão de cada dia. Foi então que se revelou o poeta-operário, como o denominámos nós, aplaudindo e celebrando as suas auspiciosas estreias. A revolução de 1848, elevando o seu pensamento às profundas questões que se agitavam naquela grande luta, acabavam de amadurecer o seu engenho, e de firmar a sua carreira. *Garibaldi, A queda da Hungria*, trechos líricos de um grande vigor poético, deram ao seu nome a importância de um acontecimento. Os homens de letras de Lisboa, presididos pelo Sr. Visconde de Almeida Garrett, ofereceram um jantar ao «esperado cantor» (A. P. Lopes de Mendonça, *Memórias de Literatura Contemporânea*, pág. 312, Lisboa, 1855).

## BANQUETE

O jantar oferecido a Gomes de Amorim descambou para a política, na altura dos licores. E a política aí aclamada era a... republicana, com maus agoiros para as instituições monárquicas, o que deu motivos a que os partidários da realza ali presentes protestassem «enèrgicamente contra a entrada subreptícia da política nos vinhos engarrafados».

«A situação — diz Gomes de Amorim — ia complicar-se com discussões imprevistas e talvez pouco agradáveis, quando Garrett [*que havia sido eleito, por aclamação, presidente daquele banquete*] pediu a palavra. Não me ficou de memória o improviso brilhante e graciosíssimo com que ele acalmou os ânimos dessa mocidade gloriosa e turbulenta; mas recordo-me perfeitamente de que terminava assim:

— Tenho a honra de propor um brinde à república...

Os democratas rugiram de entusiástico júbilo, sem fazer reparo na reticência. Porém, logo os forçou a emudecer o gesto soberano, com o qual o orador lhes significava que não tinha concluído.

— Das letras — terminou ele.

Uma aclamação imensa e unânime correspondeu ao fecho do discurso; e todos despejaram alegremente os copos, restabelecendo-se a boa harmonia. Foi, provavelmente, a única vez em que Garrett contentou as parcialidades políticas» (1).

Bulhão Pato que esteve presente ao banquete de homenagem a Gomes de Amorim, escreveu:

«No lapso do tempo decorrido desde a noite dessa festa até ao inverno de 1854, em que o Visconde de Almeida Garrett expirou, a amizade entre o moço poeta e o grande mestre da tribuna e da cena, foi a mais leal, mais sincera e mais apertada.

Garrett comprazia-se em frequentar o quarto de rapaz de Gomes de Amorim, dando conselhos com tacto tão fino, decorando com suas próprias mãos o modesto aposento do seu jovem amigo!

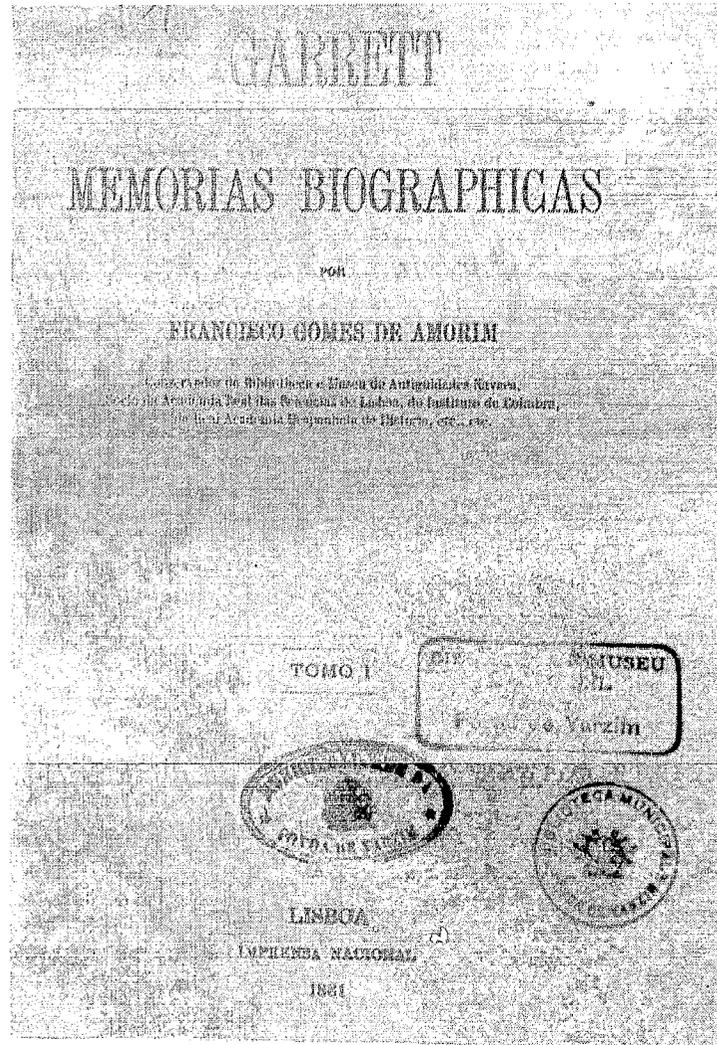
Havia um tanto ou quanto da solicitude paterna na afeição que Almeida Garrett votava a Gomes de Amorim». (2).

É a expressão da verdade. Foi profunda a intimidade entre esses dois homens.

Noutro passo, escreveu Bulhão Pato, relativamente a Gomes de Amorim:

(1) *Ibidem*, pp. 16-17.

(2) *Sob os Ciprestes*, pág. 51, Lisboa, 1877.



Rosto do tomo I de Garrett. *Memorias Biographicas*, de Francisco Gomes de Amorim (Lisboa, 1881).

«Na Ajuda, ponto de reunião, aos sábados, dos homens e rapazes de letras, apareceu um dia Luís Augusto Palmeirim, ufano por haver travado relações com um moço chegado havia pouco do Brasil.

Era um poeta esse moço. Não se inspirava só no amor da mulher; cantava as amarguras e atribulações do povo a que pertencia, com ardor, verdade, força e inspiração.

Assinava-se «Poeta operário». Conhecia as rudes provações da vida. Tinha transposto os mares até ao Novo Mundo, deixando o lar e as afeições da infância. Partira desamparado e peregrino. Fortalecera-lhe o espírito o trabalho, e engrandecera-lhe a imaginação a majestade do Amazonas, por cujas margens se embrenhara, rompendo e entranhando-se nas florestas virgens, seculares, bravias e misteriosas.

Voltara à pátria, pobre como saíra, não podendo resistir ao seu pendor literário, e com o fim principal de apertar a mão a Almeida Garrett, de quem recebera algumas palavras animadoras em resposta a uns versos que lhe enviara quando andava forasteiro. vagabundo e cismador por aquelas remotas paragens» (1).

### BIÓGRAFO DE GARRETT

Gomes de Amorim foi o enamorado coleccionador das *Memórias biográficas de Garrett*. Podemos discutir se, acaso, seria ele o homem à altura das confidências do grande autor de *Frei Luís de Sousa*. Se, na organização dessas *Memórias*, teria procedido com critério científico. Se teria posto, no seu trabalho, a isenção que ele requeria. Se... O que não podemos negar a Gomes de Amorim é a ternura com que se devotou a recolher toda a documentação que permitisse aos vindouros ter uma panorâmica, quase exhaustiva, da biografia de Garrett.

Na reconstituição dessa biografia multivariada, quiseram uns críticos que fosse posta toda a impessoalidade, quiseram outros que ela fosse feita com dramaticidade. Quiseram uns que Gomes de Amorim fosse o frio historiador, quiseram outros que fosse o evocador artista, pondo emoção onde, na verdade, só cabia imparcialidade, sem desmandos afectivos de simpatia ou de antipatia.

Ramalho Ortigão, por exemplo, no respeitante ao primeiro tomo das *Memórias*, ao apreciá-lo, inclinava-se precisamente para umas *Memórias* em que Gomes de Amorim deveria ter trocado

(1) Bulhão Pato, *Sob os Ciprestes*, págs. 47-48, Lisboa, 1877.

a serenidade pela «força impulsiva», pelo «vigor de tom», pela «intensidade dramática». Reconhecia que, depurando a narrativa das «violências da sua comoção», Gomes de Amorim se valorizava como crítico, mas logo acrescentava que isso o prejudicava como artista. «Fora da pura ciência, nos domínios da literatura, eu sou francamente pelos nervosos, pelos insofridos, pelos apaixonados.» E acrescentava: «O tempo presente não está — me parece — para as dissertações pacatas. O estilo narrativo, o descritivo e o didáctico têm os seus dias contados. Não há, hoje, senão um estilo único, o estilo humano.»

Não perfilhamos o critério de Ramalho, antes subscrevemos o de Gomes de Amorim. O historiador deve apresentar os factos com o máximo de objectividade, sem declamações — pró ou contra —, sem tomar partido. Ao leitor — e só ao leitor — cabe tomar atitudes afectivas, diante dos factos apresentados. Insinuar preferências ou repulsas não é com o historiador. Não lhe fica bem. Um coeficiente de simpatia ou antipatia automaticamente pode solicitar o leitor a inclinar-se para a tonalidade sentimental do autor.

Gomes de Amorim, ainda que tomado da mais viva admiração por Garrett, teve a coragem moral de nos dar o homem inteiro — em seus aspectos superiores e em suas fraquezas. Se não tivesse procedido assim, salientando, por exemplo, apenas os aspectos superiores, não passaria de um panegirista e, no caso contrário, de um denegridor. Gomes de Amorim não foi uma coisa nem outra. Honra lhe seja! — porque só assim serviu a história. De facto, o prestimosíssimo biógrafo de Garrett, se não omitiu as excelsas grandezas do seu biografado, também não lhe ocultou as debilidades. A par das perspectivas luminosas, deu-nos algumas sombras que maculam o perfil do autor das *Folhas caídas*. Não caiu na idolatria. Se tal tivesse acontecido, em vez de nos retratar um homem, dar-nos-ia uma estátua de ouro. Ora a verdade é que, na estátua garrettiana, não faltou a quebradiça argila. Ou ele não fosse um homem! Insistimos: Gomes de Amorim não nos deu um Garrett convencional — um herói sem mancha —, mas antes um homem, um homem de carne e osso, feito de propensões para as alturas, mas, outrossim, da qualidade de se deixar escorregar no plano inclinado de certas paixõezinhas inferiores.

Gomes de Amorim teve a felicíssima ideia de colher ainda a tempo todos — ou quase todos — os elementos que interessavam à biografia de Garrett. Se não se tivesse apressado, se não tivesse a boa fortuna de conseguir acesso à intimidade do grande poeta, este seria hoje, como homem que viveu dramaticamente uma época de cariz muito específico — política e literariamente considerada —, seria hoje, dizíamos, um enigma, figura um tanto lendária.

Gomes de Amorim praticou um acto de culto à memória de Garrett, com a publicação das *Memórias biográficas*. Mas praticou, também, um acto de ciência objectiva. Merece, pois, a veneração de todos nós os que apeteçemos a verídica reconstituição do passado.

\*

\*

\*

Na organização das *Memórias biográficas de Garrett*, Gomes de Amorim orientou-se pela sugestão de Alexandre Dumas: «Racontez tout: la postérité fera son choix», e de Lamartine: «Les détails intimes y abondent. Les détails sont la physionomie des caractères; c'est par eux qu'ils se gravent dans l'imagination».

De facto, nada omitiu que se referisse à biografia de Garrett, quer as informações fossem de lisonja, quer de desprimor. Não pôs qualquer espécie de preconceito — a favor ou contra — na colheita dessas informações. A amizade que o ligava a Garrett não o cegou. Tomando essa atitude de imparcialidade, deixou ao leitor plena liberdade para ajuizar.

Escrever uma biografia não é escrever o *Flos Sanctorum*, porque, nesta espécie de literatura apologética ou panegirista, tudo são virtudes e aspectos celestiais no biografado. A biografia, para o ser digna de crédito, será rembrandtesca, feita de luz e sombras, de altos e baixos, de qualidades positivas e negativas, do homem inteirinho, *ondoyant et divers*, sem omissões nem acrescentos, fotograficamente objectivo. Para alcançar o seu *desideratum* — o de nos dar um Garrett de carne, osso e alma, com suas alturas e fraquezas, com sua humanidade absoluta, Gomes de Amorim não soube, durante trinta anos, o que fosse descanso, revolvendo arquivos, frequentando bibliotecas, interrogando os que conheceram o autor das *Folhas Caídas*, e de tudo tomando nota séria, escrupulosamente averiguada. A gratidão, que foi o *primum movens* de toda essa actividade, não conseguiu, — e é aqui que todo o louvor é pouco — falsear a isenção com que as *Memórias biográficas de Garrett* foram trazidas a público.

A partir da publicação das *Memórias biográficas de Garrett*, amorosamente investigadas e publicadas por Gomes de Amorim, passou a fazer-se um juízo muito mais seguro do autor das *Viagens na minha terra*. Até ali, Garrett era considerado, por meio mundo, apenas como o elegante dos postiços: chinó, dentes, barrigas das pernas, ombros, tudo de empréstimo, nada natural. Só essa faceta — mais ou menos ridícula — era trazida ao de cima,

a serenidade pela «força impulsiva», pelo «vigor de tom», pela «intensidade dramática». Reconhecia que, depurando a narrativa das «violências da sua comoção», Gomes de Amorim se valorizava como crítico, mas logo acrescentava que isso o prejudicava como artista. «Fora da pura ciência, nos domínios da literatura, eu sou francamente pelos nervosos, pelos insofridos, pelos apaixonados.» E acrescentava: «O tempo presente não está — me parece — para as dissertações pacatas. O estilo narrativo, o descritivo e o didáctico têm os seus dias contados. Não há, hoje, senão um estilo único, o estilo humano.»

Não perfilhamos o critério de Ramalho, antes subscrevemos o de Gomes de Amorim. O historiador deve apresentar os factos com o máximo de objectividade, sem declamações — pró ou contra —, sem tomar partido. Ao leitor — e só ao leitor — cabe tomar atitudes afectivas, diante dos factos apresentados. Insinuar preferências ou repulsas não é com o historiador. Não lhe fica bem. Um coeficiente de simpatia ou antipatia automaticamente pode solicitar o leitor a inclinar-se para a tonalidade sentimental do autor.

Gomes de Amorim, ainda que tomado da mais viva admiração por Garrett, teve a coragem moral de nos dar o homem inteiro — em seus aspectos superiores e em suas fraquezas. Se não tivesse procedido assim, salientando, por exemplo, apenas os aspectos superiores, não passaria de um panegirista e, no caso contrário, de um denegridor. Gomes de Amorim não foi uma coisa nem outra. Honra lhe seja! — porque só assim serviu a história. De facto, o prestimosíssimo biógrafo de Garrett, se não omitiu as excelsas grandezas do seu biografado, também não lhe ocultou as debilidades. A par das perspectivas luminosas, deu-nos algumas sombras que maculam o perfil do autor das *Folhas caídas*. Não caiu na idolatria. Se tal tivesse acontecido, em vez de nos retratar um homem, dar-nos-ia uma estátua de ouro. Ora a verdade é que, na estátua garrettiana, não faltou a quebradiça argila. Ou ele não fosse um homem! Insistimos: Gomes de Amorim não nos deu um Garrett convencional — um herói sem mancha —, mas antes um homem, um homem de carne e osso, feito de propensões para as alturas, mas, outrossim, da qualidade de se deixar escorregar no plano inclinado de certas paixõezinhas inferiores.

Gomes de Amorim teve a felicíssima ideia de colher ainda a tempo todos — ou quase todos — os elementos que interessavam à biografia de Garrett. Se não se tivesse apressado, se não tivesse a boa fortuna de conseguir acesso à intimidade do grande poeta, este seria hoje, como homem que viveu dramaticamente uma época de cariz muito específico — política e literariamente considerada —, seria hoje, dizíamos, um enigma, figura um tanto lendária.

Gomes de Amorim praticou um acto de culto à memória de Garrett, com a publicação das *Memórias biográficas*. Mas praticou, também, um acto de ciência objectiva. Merece, pois, a veneração de todos nós os que apeteçemos a verídica reconstituição do passado.

\*

\*

\*

Na organização das *Memórias biográficas de Garrett*, Gomes de Amorim orientou-se pela sugestão de Alexandre Dumas: «Racontez tout: la postérité fera son choix», e de Lamartine: «Les détails intimes y abondent. Les détails sont la physionomie des caractères; c'est par eux qu'ils se gravent dans l'imagination».

De facto, nada omitiu que se referisse à biografia de Garrett, quer as informações fossem de lisonja, quer de desprimor. Não pôs qualquer espécie de preconceito — a favor ou contra — na colheita dessas informações. A amizade que o ligava a Garrett não o cegou. Tomando essa atitude de imparcialidade, deixou ao leitor plena liberdade para ajuizar.

Escrever uma biografia não é escrever o *Flos Sanctorum*, porque, nesta espécie de literatura apologética ou panegirista, tudo são virtudes e aspectos celestiais no biografado. A biografia, para o ser digna de crédito, será rembrandtesca, feita de luz e sombras, de altos e baixos, de qualidades positivas e negativas, do homem inteirinho, *ondoyant et divers*, sem omissões nem acrescentos, fotograficamente objectivo. Para alcançar o seu *desideratum* — o de nos dar um Garrett de carne, osso e alma, com suas alturas e fraquezas, com sua humanidade absoluta, Gomes de Amorim não soube, durante trinta anos, o que fosse descanso, revolvendo arquivos, frequentando bibliotecas, interrogando os que conheceram o autor das *Folhas Caídas*, e de tudo tomando nota séria, escrupulosamente averiguada. A gratidão, que foi o *primum movens* de toda essa actividade, não conseguiu, — e é aqui que todo o louvor é pouco — falsear a isenção com que as *Memórias biográficas de Garrett* foram trazidas a público.

A partir da publicação das *Memórias biográficas de Garrett*, amorosamente investigadas e publicadas por Gomes de Amorim, passou a fazer-se um juízo muito mais seguro do autor das *Viagens na minha terra*. Até ali, Garrett era considerado, por meio mundo, apenas como o elegante dos postiços: chinó, dentes, barrigas das pernas, ombros, tudo de empréstimo, nada natural. Só essa faceta — mais ou menos ridícula — era trazida ao de cima,

e troçada pela medida grande. Mais ainda: punha-se a correr — e a correr sem apelo nem agravo — que se tratava de um homem devasso, perigoso, de quem meio mundo — sobretudo o feminino — se devia afastar, como da peste. Outro, porém, muito diferente, passou a ser o juízo emitido, em relação a Garrett, depois de Gomes de Amorim ter restituído o escritor às suas verdadeiras dimensões humanas e sociais. Lendas tendenciosas foram destruídas. Juízos temerários foram reformados. De certo, Gomes de Amorim não omitiu as fraquezas do grande homem — que não há grande homem que as não tenha. Mas aspectos tão meritórios da vida do escritor trouxe a público, que foi forçoso vê-lo a luz muito diferente da tradicional.

Garrett lucrou com a existência de Gomes de Amorim, e este, por sua vez, tudo ganhou com a circunstância de ter compilado as *Memórias biográficas*. Não fora essa circunstância de biógrafo zeloso de um grande homem, e podemos presumir que o autor dos *Cantos Matutinos* teria mergulhado, de todo, no esquecimento.

Ajudaram-se reciprocamente, — mas o lucro foi maior (muito maior) para Gomes de Amorim, do que para Garrett.

Mas será que o autor dos *Aleijões Sociais* não tem sombra de merecimento literário? Nada que se pareça com isso. Não lhe falta o sentido de beleza literária, o comentário vivo, a repulsa pela ênfase, mas os temas que versou nas suas obras bem se pode dizer que perderam actualidade. Por outro lado, faltou-lhe a tuba que lhe assoprasse o nome aos quatro ventos. E isso também concorre — se concorre! — para formar o nome de um escritor. Muitos temos aí, à hora presente, que apenas vivem do assopro da tuba. No dia em que o reclamo deixar de inchar a bochecha com os seus nomes, logo darão o tombo no olvido. Tão certo é isto como dois e sois serem quatro.

### NA MORTE DE GARRETT

Gomes de Amorim foi o grande amigo de Garrett. Nas horas amargas da doença que vitimaria o autor de *Camões*, quem lhe assistiu não foram os seus pares. Esses andavam ausentes por parte incerta. Quem lhe assistiu, com inexcedível dedicação, foi Gomes de Amorim, que dele recebeu as últimas palavras. Gomes de Amorim diz bem, ao fazer o comentário de algumas palavras amáveis que Mendes Leal lhe dirigiu, no jornal *Imprensa e Lei*, de 10 de Setembro de 1854, a propósito da morte de Garrett:



Francisco Gomes de Amorim

Gravura de Emilio Pimentel inserta n' *A Ilustração Portuguesa*, 4.º ano, n.º 41 (Lisboa, 23 de Abril de 1888), p. 5.

«...É preciso dizer-se, eu não estava assistindo somente a um amigo, nem ao membro duma única família; procurava mitigar os sofrimentos dum homem que pertencia a toda a nação, que honrava a todas as famílias portuguesas, porque o seu nome é uma glória nacional. E eu, se exceptuar a presença de um amigo, que fora apresentado por mim [*refere-se a Manuel José Gonçalves*], e de duas virtuosíssimas e santas irmãs de caridade portuguesas, também reclamadas por mim, eu estava ali sozinho para representar o meu país, sem que ninguém me incumbisse de semelhante comissão; mas que se eu a não tivesse tomado pelo impulso do meu coração, Portugal ficaria uma segunda vez coberto de vergonha pela morte de um poeta célebre.

Declaro-o sem medo [...]; se não fosse eu, o visconde de Almeida Garrett teria morrido, num leito muito elegante, é verdade, e cercado de primores de arte e de gosto, mas sem ter quem lhe desse uma chávena de caldo!

...A providência, conduzindo-me dos sertões da América para vir cerrar os olhos do maior poeta português moderno, não me preveniu de que a glória de recolher para a posteridade as suas últimas palavras me custaria a vida do meu maior amigo; sacrifício como o que eu fiz não se paga, nem com a celebridade; não tenho, porém, a louca pretensão de aspirar a ela, apesar de conhecer quanto foi cobiciosa a dolorosa e momentânea popularidade que me deu o acontecimento. E os miseráveis que me invejaram, dizem-se hoje também discípulos de Almeida Garrett?

Eram os seus difamadores!...» (1)

Não é hipérbole. Antes o foral

### AUTODIDACTA

Amorim não era — fez-se. Foi, acima de tudo, um autodidacta. Estudou sem descanso. E para ganhar o pão seu de cada dia, aquentou homéricas fadigas. Volvidos vinte anos sobre o seu regresso do Brasil, considerava-se um homem gasto, alquebrado pela doença — não uma, mas um polipeiro delas: lesão cardíaca, doença na espinha, ataques de gota cerebral. Não lhe sendo possí-

(1) *Cantos Matutinos*. Nota B. Lisboa, 1858.

Em *O casamento e a mortalha no céu se talha*, comédia-provêrbio, uma das personagens, Luis, á pergunta se há dois Garretts — o poeta e o visconde dá a seguinte resposta: «Há um só, que eu saiba; mas para mim é poeta e não falalço; eu não vejo no homem, que é matéria, o título vão, que é vaidade; vejo somente o génio, que é imortal e glorioso».

vel trabalhar — resolveu desfazer-se dos livros, gratíssimos companheiros. Os livros seriam leiloados no Rio de Janeiro. Providencialmente, porém, quem havia de dizê-lo! — os livros foram adquiridos por amigos de Amorim, que tomaram a simpatiquíssima decisão de lhes devolverem, acompanhados da quantia por que os haviam comprado! Aqui é que é caso para lembrarmos o teste pelo qual se põe à prova o verdadeiro amigo — a adversidade: *amicus certus in re adversa cernitur*; o amigo certo é na adversidade que se demonstra. Os amigos de Amorim — portugueses e brasileiros — que acorreram ao leilão do *Retiro*, no Rio, eram amigos verdadeiros.

### RECORDA O AMAZONAS

No Amazonas estive, e do grande rio — do rio sem par — deixou Gomes de Amorim larga descrição. Não fala de cor. Impressionou-o essa espantosa estrada aquática (os rios são estradas que andam, disse Pascal), feita a dialogar em português com o Atlântico. Nesse diálogo, em que ressumbra orgulho, o Amazonas diz:

*Ondas do mar não cuideis  
Que me assustais;  
Vinte léguas me vereis  
Ou inda mais.*

E, por aí adiante, vai exaltando os seus créditos. Se o mar é rei todo poderoso nas costas dele banhadas, o Amazonas rei é também no sertão, aí ditando a lei como senhor todo poderoso. De si falando, o Amazonas manda que se calem o Nilo e o Mississipi, porque, a ele comparados, não passam, a bem dizer, de vulgares riachos. Em sua corrente, há ondas como as do mar, erguidas pelas tormentas. Nas suas margens, e nas suas ilhas, crescem árvores gigantes de copas frondosíssimas, e cujas franças quase tocam o céu. Em suas águas — ora serenas, ora tumultuosas — há peixes de mil cores e nem as tartarugas lhe faltam. Nessas águas, outrossim, flutuam autênticas ilhas cobertas de flores. A elas confluem mil rios de nomes vários, como quem vem pagar um tributo ao grande senhor de léguas quase infinitas, alagando um continente, arrastando, na voragem da sua corrente feroz, toda uma aluvião, na qual, de cambalhada, seguem terras e árvores, e que, desaguando no oceano, é como que outro oceano. As margens do colosso aquático constituem um assombroso jardim botânico. Confessando-se, o Amazonas diz:

*Eu tenho matos de rosas,  
De açucenas, e jasmim,  
Onde crescem as mimosas  
Abraçadas no angelim.  
Tenho salvas de itaúba,  
De cedro, e maçaranduba,  
De pau d'arco, e conduru;  
Onde a canela e a baunilha,  
O cravo e a salsaparrilha  
Se enlaçam ao cumaru.*

Mas o prodigioso jardim botânico é, ainda, viveiro de exuberantíssimas bananeiras, de formosos ananases, de enormes acajueiros, goiabas, araçaseiros, doces maracujás, abacates e mangas, abios e bacoris, ácidas pitangas, doces saptis, cana de açúcar, nicociana e algodoads, cacauzeiros, cafézeiros, arrozais, palmares de grande ostentação, pimenta e mandioca. O Amazonas é um mundo: as suas águas alimentam florestas espantosamente grandes, habitadas por cem nações e sobrevoadas por aves de mil cores.

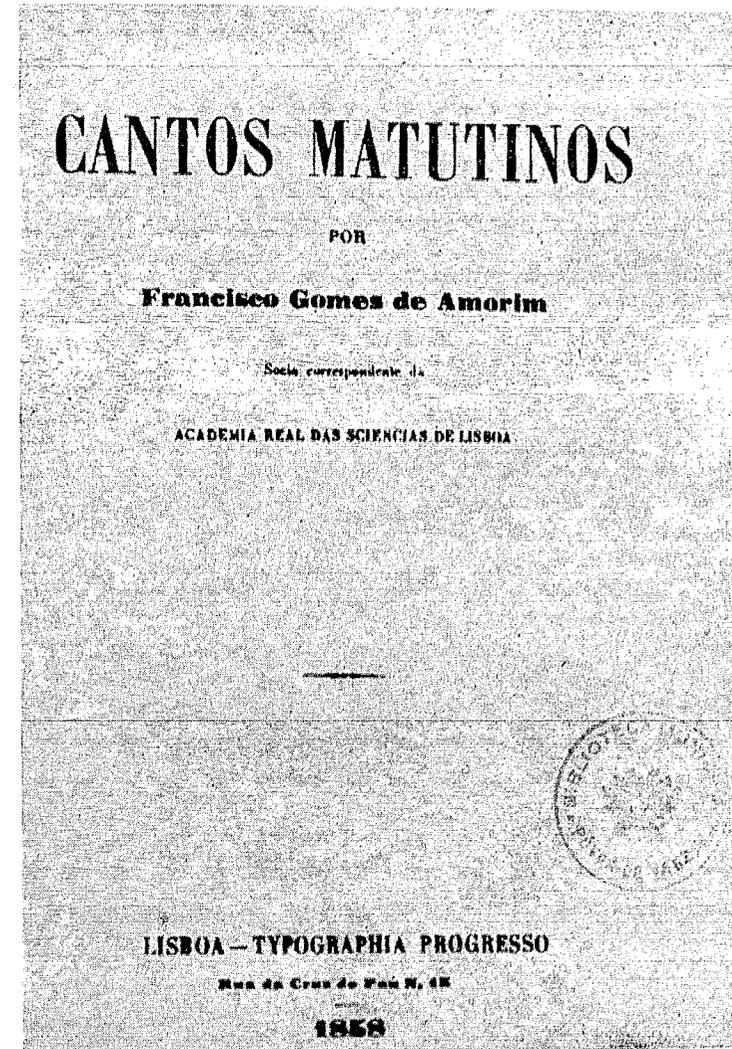
Todo esse mundo imenso Gomes de Amorim o contemplou, esmagado por tanta grandeza, isso numa idade em que os aspectos da Natureza espectacular deixam dedada indelével.

Esse espectáculo sem rival profundamente comoveu o poeta adolescente. Mas nem assim ele esquecia a pátria distante. Na boca do Amazonas em 1845, sente-se atacado de aguda nostalgia:

*Solitário nas praias do desterro  
Com a pátria sonhando,  
Eu venho aqui adormecer saudades  
Diante do espectáculo  
Destas selvas imensas, que assoberbam  
As margens do oceano.  
Aqui, tardes inteiras suspirando  
Com os olhos na vaga,  
Que vai e vem, atravessando os mares.  
Como o meu pensamento,  
Aqui meu coração saudoso geme (1).*

E, levado pela aguda nostalgia da pátria distante, sente-se tentado a largar por esses mares fora até ao seu «país querido».

(1) *Cantos Matutinos*, pp. 264-265, Lisboa, 1858.



Rosto dos *Cantos Matutinos* de Francisco Gomes de Amorim  
(Lisboa, 1858).

Não o atemoriza a viagem — tem-se por marinheiro, não se temendo das vagas alterosas, que seu pai, marinheiro de profissão, lhe ensinou a desprezar. Do pai dá quixotesca informação biográfica — a de que era homem «de quem o mar tremia»:

*...por maior que fosse a tempestade  
O pano, temerário!, não rizava!  
O leme subjugando, a borda toda  
Nas ondas mergulhada;  
O laes cortando a vaga,  
A quilha fora d'água, as velas todas  
Os mastros inclinando, e as enxarcias  
Estalando ou gemendo,  
Mas ele não cedial ...*

## EMIGRANTES DE OUTRORA

Gomes de Amorim não guardou boas recordações da sua viagem como emigrante para o Brasil, nem tampouco da estadia que aí fez. Na Introdução à sua comédia-drama *Aleijões Sociais*, exprimiu claramente o que pensava, em 1870, no respeitante à emigração portuguesa para o Brasil. Aí diz que é preciso «esclarecer a opinião dos emigrantes, fazendo-lhes saber que nem sempre os espera a riqueza fora do seu país e que são raros os que voltam a ele». Não aceita que os quatrocentos ou quinhentos portugueses, que no fim de vinte ou trinta anos regressam à pátria, ricos e sem saúde, possam compensar a perda dos quarenta mil que, durante esse largo período expiram longe dela. Invoca a sua estadia nos sertões do Amazonas, dando conta dos tormentos que ali sofrem, acrescidos dos da viagem. Dele as palavras seguintes:

«Aos maus tratos e privações durante a viagem, sucedem-se as doenças próprias do clima do Bras<sup>il</sup>, os maus alimentos, os trabalhos ásperos e rudes sob um sol ardentíssimo, as palavras injuriosas com que nos acolhem muitos dos naturais, a fome às vezes, e não raro a morte mais miserável».

Ía esta gente para o Brasil, quando, afinal, tanta falta fazia à agricultura nacional!

E, assim falando, estava-se naturalmente lembrando dos processos de aliciação de emigrantes no Minho, quando ele próprio — criança que era — foi levado também na onda:

«Os camponeses do Minho são fáceis em se deixar seduzir pelos aliciadores; resolve-os a expatriarem-se a presença de um seu compatriota, que volta rico; mas não reflectem que muitos outros, que eles também conheceram, acabaram em triste e doloroso desterro, sós, míseros, longe da pátria e da mãe carinhosa que os estremecia; e alguns nem mesmo acharam na hora extrema a cama dum hospital, onde mão compadecida lhes cerrasse os olhos!»

Gomes de Amorim não falava de cor — mas antes com um saber feito de dolorosa experiência.

Em *Aleijões Sociais* versa precisamente o tema da emigração portuguesa para o Brasil. «Neste drama, escrito sem a menor ideia de ofender portugueses ou brasileiros, não há um único facto que não possa provar-se com documentos. Abstive-me de o demonstrar, por meio de notas, no fim do volume, por me parecer que a peça é já de si demasiado pungente e porque, além disso, o meu fim é corrigir e não difamar».

## EVOCA A LARGADA PARA O BRASIL

O poeta exprimiu em verso o diálogo entre mãe e filho na hora da partida para terras do Brasil — ela dando a nota de que o filho ia praticar temeridade de que viria a arrepender-se, ele vincando que o seu destino não era ficar, mas largar lá para onde a esperança de um melhor porvir lhe acenava:

*«Adeus, mãe, adeus...» Menino,  
Filho do meu coração,  
Onde vais tão pequenino? —  
«Correr mundo é meu destino.  
Deus me dará protecção.  
«Adeus, mãe...» — Oh! filho meu,  
Porque não vives contente  
Co'a sorte que Deus te deu?  
Tua mãe é tão doentel... —  
Mãe, se não me deixar ir...»  
— Que fazes? — «Oh! mãe, consentel...»  
— Se não deixo?...» — «Hei-de fugir».  
— Filho! — «Perdão... é destino».  
— Mas tu és tão pequenino... —  
«Adeus, mãe; eu vou partir».*

Baldadamente a mãe lhe diz que ele tem treze anos, sendo grande temeridade meter-se na aventura de procurar terras longínquas, por estradas cheias de perigos. O menino implora, torna a implorar autorização para a partida, dizendo que em Deus tem confiança. A mãe acaba por consentir:

*Vai, menino, vai, querido;  
Eu fico sempre a chorar,  
Pelo meu filho perdido...*

O menino promete que há-de voltar e lhe trará um tesouro das terras de além-mar. A mãe consente na partida, mas vai dizendo que o preferia pobre a seu lado a tê-lo rico, distante. A presença do filho bem amado é-lhe indispensável para continuar a viver: «Se tu sem mim não morreres / Eu sem ti não viverei».

O filho partiu, mas se fora por fortuna, só desditas encontrou. No desterro, a que voluntária e imprudentemente se votara, todo ele era suspirar pelo regresso. A ambição o levou, a saudade o fez regressar, desejoso de voltar a ver a mãe quem nunca mais esquecera. Triste dele, porém, que ao regressar a mãe já não encontrou. Foi a hora do arrependimento:

*Se a mãe tivera atendido,  
Não fora tão infeliz;  
Nem chorar um bem perdido  
Que em outro tempo não quis (1).*

## O DESTERRADO

Na foz do Rio Negro, em 1842, compôs Gomes de Amorim *O desterrado*, meia dúzia de sextilhas, que o leitor dirá terem sido composta à vista do *Luar de Londres*, de João de Lemos (2).

(1) *Cantos Matutinos*, pág. 319, Lisboa, 1858.

(2) João de Lemos devia ser — assim o presumimos — um dos poetas preferidos de Gomes de Amorim. Nos *Cantos Matutinos*, a composição XXXIV tem por título: *O funeral e a pomba*, logo seguido desta rubrica: Paráfrase de outro do Sr. João de Lemos.

Nos *Cantos Matutinos* a composição XXXII é consagrada precisamente a João de Lemos, em 1849. Nessa composição, Gomes de Amorim lhe chama «inspirado cantor». «Tu es rei da harmonia, / E eu amando a poeta / Desejo ser teu irmão».



*A Selva*. Ilustração de Dordio Gomes para o romance *A Selva*, de Ferreira de Castro (edição de Lisboa, 1930), pp. 88-89.

e ainda de certo poema famoso de Gonçalves Dias, carregado de nostalgia. Decerto isso aconteceu. Mas, tão longe de Avelomar, terra onde lhe decorreu a infância, podemos admitir que o poeta sentisse, com profundidade, a nostalgia das risonhas paisagens do seu Minho. Compara o mundo exuberante que está vendo (laranjeiras em flor, roseiras fragrantas) com o mundo longínquo da sua terra, e conclui pela superioridade do distante, contra o próximo:

*Como são brancas as flores  
Deste verde laranjal!  
É doce a sua fragrância.  
Como a deste roseiral;  
Mas tem mais suave aroma  
As rosas de Portugal (1).*

E, de comparação em comparação, vai sempre concluindo que as belezas da sua terra não têm par. O solo das florestas brasileiras contém nas suas entranhas diamante e ouro. Imensos são aí os rios. Imensos vale a serra. «Porém não tem a beleza / Dos campos da minha terra».

Belos são os astros que cobrem o Rio Negro. Grande o seu fulgor. Sim. «Mas luzem no céu do exílio, / Não lhes tenho igual amor. / Aí! astros da minha terra / Quem me dera o vosso alvor!»

A terra onde nasceu, por um mágico mistério, suplanta a exuberância da terra amazônica. A terra onde nasceu e se criou sai sempre vitoriosa dos confrontos com as paragens para onde o destino o atirou como emigrante. O exílio amargura-lhe a alma: «Oh! não; não é belo o sítio / Do meu desterro infeliz / Onde tudo — a toda a hora — / Que sou proscrito me diz / Não; não há terras formosas / Senão as do meu país!»

As confissões sentimentais que aí ficam não são postiças, ainda que se ressintam das já citadas influências literárias. Gomes de Amorim — a rebentar de saudades da pátria distante — não tardaria em regressar a Portugal. No cotejo entre a terra adoptiva e a terra natal, por esta se decidia, depois de ter passado horas dolorosas onde esperara encontrar a felicidade — uma felicidade que se lhe mostrou esquiva.

(1) *Cláudio Manuel de Almeida*, páq. 29, Lisboa, 1858

## UM FAMOSO EPISÓDIO, NO PARÁ

A passagem pela Amazónia ficou indelévelmente gravada na memória afectiva de Gomes de Amorim. «Por lá viveu nove anos — confessa —, ora embalado pelas ondas do gigante dos rios e dos seus lagos e tributários, ora atraído e encantado pela grande voz das florestas» (1).

De tudo Gomes de Amorim guardou viva impressão: da paisagem telúrica e da paisagem social. A prova a pode o leitor colher no volume de notas que comentam o texto da peça *O Cedro Vermelho*. Aí se dá conta pormenorizada da terra da Amazónia, da sua fauna e da sua flora (ambas riquíssimas) e das gentes que ali viviam. Casos singularíssimos ocorreram enquanto Gomes de Amorim se demorou por essas paragens. Alguns de toada anedótica, e um deles é o seguinte, trasladado das pp. 265-269. É longo, mas vale a pena. Aí vai:

«Francisco José de Sousa Soares Andrea, se a memória me não falha [Gomes de Amorim está escrevendo a mais de trinta anos de distância], era o nome do valente general que pacificou o Pará, por ocasião da cabanagem. Devi a esse homem distinto a satisfação de o ter conhecido pessoalmente, porque ele dignou-se ir de propósito à casa onde eu era caixeiro para me conhecer também. Eu tinha apenas onze anos; mas creio poder afirmar, sem imodéstia, que naquele tempo as duas celebridades mais notáveis do Pará eram o presidente da provincia... e eu. Ele distinguia-se pela energia com que batia os cabanos, pelo rigor com que mantinha a disciplina militar e previa à defesa da cidade, ainda ameaçada por alguns bandos de facinoras espalhados pelos rios ou matas próximas; eu, pela audácia com que punia todas as pessoas que me insultavam, sem atenção ao seu tamanho, qualidade, sexo, ou número, e pela perícia com que lhes quebrava a cabeça com os pesos das balanças ou com as garrafas de aguardente. A fama do general ofuscava um pouco a minha, atendendo-se à posição elevada do presidente da provincia; mas os caixeiros da cidade afirmavam que, em vista da minha idade, eu era muito maior do que Andrea.

Ele costumava ir frequentemente a casa do meu vizinho, chamado João António Rodrigues, irmão ou primo do barão de Jaraguari, que ficava fronteira ao estabelecimento onde eu era caixeiro. Das janelas dessa casa via-se toda a Rua da Paixão até

(1) *Teatro de Francisco Gomes de Amorim, o Cedro Vermelho*, tomo I. Prefácio, Lisboa, 1874.

ao largo do Palácio do governo; passavam por ali às vezes os presos cabanos, agarrados nos matos próximos do Santo António, Reduto e Paúl de Água, e não era raro que o presidente desse instrução às escoltas que os conduziam, quando lhe passavam por debaixo das janelas, mandando fazer nesses assassinos justiça sumária. Entre outros, recordo-me do seguinte facto:

Dois soldados conduziam um preso, segurando-o cada um do seu lado, pela cintura, e levando ambos as baionetas desembainhadas. Andrea, que estava conversando ao pé de uma janela, viu-os e gritou:

— Ó soldado! Quem é esse homem?

— É o Diamante, meu general.

— O Diamante?

— Sim, senhor.

— Tens toda a certeza disso?

O preso, que era homem de cor, entre preto e mulato, dos que no país denominam cafuzes, alto, musculoso, de olhar feroz e atrevido, voltou-se para a janela, onde se tinha reunido a família da casa e depois de encarar por um instante o general e as outras pessoas, disse:

— Vossoerencia custa á capacita que sô ió mesmo? Tem rézão; Diãmante não deixava apanhá por seu sordado, si não tivesse caído, quando corria em Pau d'Água. Agora pôde matá êre, que já vingou picando muito sordado de vosserencia. E tem pena de não matá vosserencia mesmo.

Toda a família se retirou, revoltada com a insolência do preso. Andrea disse para o soldado, deitando-lhe à rua um bilhete, rapidamente escrito a lápis:

— «Dize lá ao ajudante,  
Que sendo esse o Diamante  
O mande já lapidar».

Não sei se ele teve a intenção de fazer versos; mas as palavras soaram-me do modo por que as escrevia nos meus apontamentos há mais de trinta anos, e como as transcrevo agora. Penso que Andrea não desgostava de rimar; citarei outro facto para apoiar esta asserção.

Um soldado, mandado por ele em serviço militar matou com um tiro uma rapariga de quem teve ciúmes. Sendo preso, dizia que não podia ser crime matar uma cadela. O conselho de guerra condenou-o à morte, e só então o criminoso reconheceu que a situação era grave. Apelou por isso da sentença para o presidente, que lhe pôs este despacho:



Francisco Gomes de Amorim

Gravura de Francisco Pastor, segundo uma fotografia de Carlos Relvas, inserta na *Revista Illustrada*, 2.º ano, n.º 39 (Lisboa, 15 de Novembro de 1891), p. 241.

— «No caso do suplicante  
 Não concedo apelação;  
 Tendo morrido a cadela,  
 Que morra também o cão».

E, em nota ao texto, Gomes de Amorim acrescenta:

Esta anedota faz lembrar o do poeta Marere com Xisto V. Marere fez uma sátira, em que era ultrajada a mulher de um empregado superior; este queixou-se ao papa, que mandou chamar o poeta à sua presença:

— Porque tratastes como meretriz uma dama que todos julgam virtuosa? Tendes motivos para vos queixardes dela? — Não, santo padre. — Então porque a caluniastes? — Precisava de uma rima e achei-a no seu nome.

Xisto V mordeu os beijos e perguntou-lhe. — E vós, senhor poeta, como vos chamais? — Marere, para servir a vossa santidade. — Nesse caso também me chega a minha vez de fazer versos; e como o vosso nome me fornece a rima, quero experimentar:

*Vous méritez, seigneur Marere  
 De ramer dans une galère.*

Pronunciada a sentença, foram inúteis todas as súplicas feitas pelos parentes e amigos do culpado. — A razão e a rima concordam tão raras vezes na poesia — respondia o papa — que é preciso aproveitar as ocasiões em que isso acontece e fazê-las constatar. — Em consequência dessa decisão, o poeta pagou a calúnia com algum tempo de galés.

### O LATIM, LÍNGUA DO PARÁ...

Gomes de Amorim, que nós sabemos, nunca chegou a escrever as Memórias completas das suas viagens por terras da Amazônia. Mas se as escrevesse, prometia não faltar um milímetro à verdade, porquanto qualquer fantasia que ele se permitisse nunca poderia exceder em esplendor o mundo que aí contemplou por espaço de nove anos. A objectividade seria o seu lema. O escrúpulo o seu norte. Nada de informações precipitadas. Prometia não seguir o sistema de certo botânico francês que, numa rápida demora no Pará, ao regressar, de canoa, ao navio que o trouxera, tirou conclusão bem peregrina. Gomes de Amorim conta:

«Depois de grande estada [a de uma deslumbradora excursão botânica na floresta paraense], avistou uma pequena canoa, com três pessoas dentro, e chamou-a por acenos.

Aproximou-se a embarcação, tripulada por um preto, um mulato, e um tapuío. O sábio fez-lhes entender, por gestos, e também com o auxílio de uma moeda de cinco francos (idioma que todos percebem) que queria ir para o navio, que se avistava ao largo.

Os três, sem dar palavra, receberam o sábio e o dinheiro, e partiram.

A meio caminho, Mr. Jourdain [o botânico], que tinha tirado o chapéu, constipou-se e espirrou. Os remeiros ergueram-se todos um pouco sobre os bancos, descobriram-se e disseram à uma voz:

— *Dominus tecum!*

Jourdain olhou-os com pasmo, e não respondeu, por muito embatucado. Daí a pouco, espirro mais forte.

— *Dominus tecum!* — repetiram, com as mesmas, os remadores.

O sábio levou a mão ao chapéu, e agradeceu, inclinando-se. Ao subir do portaló, espirrou terceira vez, e ouviu o último — *Dominus tecum* — dos três homens cortesões. Fez-lhes então profunda mesura, de chapéu na mão, e respondeu-lhes:

— *Vobis quoque.*

Correu ao camarote, e escreveu no seu *Diário*.

— Pará; grande riqueza vegetal; porto franco; habitantes pretos, amarelos e vermelhos; a língua corrente é a latina» (1).

Mr. Jourdain, o de Molière, fazia prosa sem o saber (2). Este Mr. Jourdain da anedota dizia asneiras, sem se aperceber delas. É certo que Bernardo Shaw afirmou que o verdadeiro especialista é um idiota. Este snr. Jordão parece que poderia servir para confirmar a ironia cruel de Shaw.

O outro, desembarcando em França, viu uma mulher loira, e logo generalizou, em correspondência para a sua terra; aqui todas as mulheres são loiras.

Para esse viajante, uma só andorinha fazia primavera. Pois

(1) Em *Um feixe de plumas*, pp. 69-70, Lisboa, 1855. Colectânea organizada por M.<sup>a</sup> Amália Vaz de Carvalho.

(2) Lembremos, a título de curiosidade, o famoso passo de *Bourgeois Gentilhomme*:

«Mr. Jourdain — [Non, je ne veux prose ni vers. [...]]

*Maitre de Philosophie* — Il n'y a que la prose ou le vers.

Mr. Jourdain — Par ma foi il y a plus de quarante ans que je ne dis que la prose, sans que j'en susse rien...»

também para o snr. Jordão da anedota aquelas duas réplicas aos seus científicos espirros foram o bastante para concluir que no Pará se falava a língua do Lácio...

Temos de convir que se esse snr. Jordão foi tão perspicaz nas suas investigações botânicas como o foi nesta peregrina conclusão de que no Pará a língua corrente era a latina, a esta hora toda a sua ciência das plantas deve ter sido objecto da mais que justificada chacota...

### A PRIMEIRA OBRA LITERÁRIA. DEDICATÓRIA CARINHOSA AO IRMÃO

Gomes de Amorim era uma fina sensibilidade, um amoroso dos seus. Ele e o irmão foram ambos para terras do Brasil e no mesmo navio seguiram. Seguiram mas não voltaram sincronizados. Francisco voltou primeiro, o irmão por lá ficou. Já sabemos das razões que o fizeram voltar. São comovedoras as palavras que dirige a seu irmão, no momento de lhe enviar a sua primeira obra literária — *Ghigi*:

«Hoje sou eu a tua família, e a minha família és tu. Separa-nos o destino, e quem sabe se nos tornaremos a juntar? Ao menos foi Deus servido, que assim como nascemos irmãos, nunca deixaremos de ser amigos. Bendito seja Ele! Pobres viandantes abandonados tão cedo neste deserto da vida, e sem um guia que nos aponte o caminho para nos aproximarmos; agora, mais do que nunca, precisamos concentrar a nossa afeição para que possa atravessar a distância e encher o vácuo que a morte nos deixou no coração.

Há dezasseis anos que vives no exílio, com os olhos fitos no mar que serviu de túmulo a nosso pai, e que te separa da pátria, mas não chores com saudades dela; eu tenho medo de entrar de noite na casa onde nascemos; o fogo do nosso lar está apagado; faz ali um frio que gela a alma; a casa parece um túmulo, na parede branca da entrada conserva-se a cruz vermelha pintada por nosso pai; o salgueiro plantado por teu padrinho no dia em que nasceste, — único vivente daquela habitação! — esse mesmo tomou uma forma lúgubre, como se pudesse sentir a solidão que a morte imprimiu em tudo que o rodeia; parece um cipreste à porta de um cemitério!

Ofereço-te o *Ghigi*, porque depois de nossa mãe, só a ti devo dedicar a minha primeira publicação; sabes que de sacrificios e desgostos me tem custado esta malfadada inclinação para as coisas literárias e por isso hás-de apreciá-lo, não pelo

seu valor, mas por ser um fruto, ainda que pouco amadurecido, dos meus laboriosos esforços.

...Se o destino permitir, algum dia, que desapareça a distância que te separa de mim, iremos ambos em peregrinação beijar a pedra que esconde os restos mortais da nossa querida mãe, e pediremos a Deus por ela, como ela pedia por nós. — Nestas linhas mal coordenadas, a minha eterna saudade paga um tributo à memória daquela santa que nos ensinou a elevar o pensamento ao céu, quando as misérias da terra nos perseguissem. Chorei escrevendo essas palavras truncadas que aí ficam; chorei com os olhos da alma, porque já tenho quem me defenda com as suas orações dos perigos de cada um dia; mas estas lágrimas santificam as minha dor, e vou a caminho do Gólgota, com a consciência tranquila» (1).

### A PÓVOA APANHA PARA O SEU TABACO...

A Póvoa apanha para o seu tabaco, pela circunstância de desprezar o «urbanismo» das suas freguesias. Avelomar — em 1845: ano em que se situa a acção das *Duas fiandeiras* — tinha ruas incríveis. Uma delas, a da Fonte, que Gomes de Amorim, testemunha pedestre, descreve nos termos seguintes:

«Esta rua, cavada na rocha, funda, eriçada de pontas de granito, que se erguem do chão, agudas e terríveis como puas, mantém-se no estado primitivo em que a deixaram os primeiros povoadores das Espanhas, para honra e lustre de todas as vereações que tem tido a câmara da Póvoa de Varzim, e de quantas nulidades gloriosas têm representado em cortes aquele bom povo. Quem por ali passa de tamancos, raras vezes deixa de gramar o seu trambolhão dando a todos os diabos (que não lhe pegam, por estarem fartos dessa fazenda, considerada alcaide), todos quantos lhe chucham o voto eleitoral, a troco de promessas nunca realizadas. Os que vão descalços, ferem-se as mais das vezes; os pobres animais, magoam-se horrivelmente; os bois, com os carros carregados, logo que chegam ao rio [*das Canas*], descansam muito tempo, dentro da água, como se achassem alívio às pisaduras, apanhadas em tão detestável caminho» (2).

(1) Apud A. P. Lopes de Mendonça, *Memórias de Literatura Contemporânea*, Mp. 310-312, Lisboa, 1855.

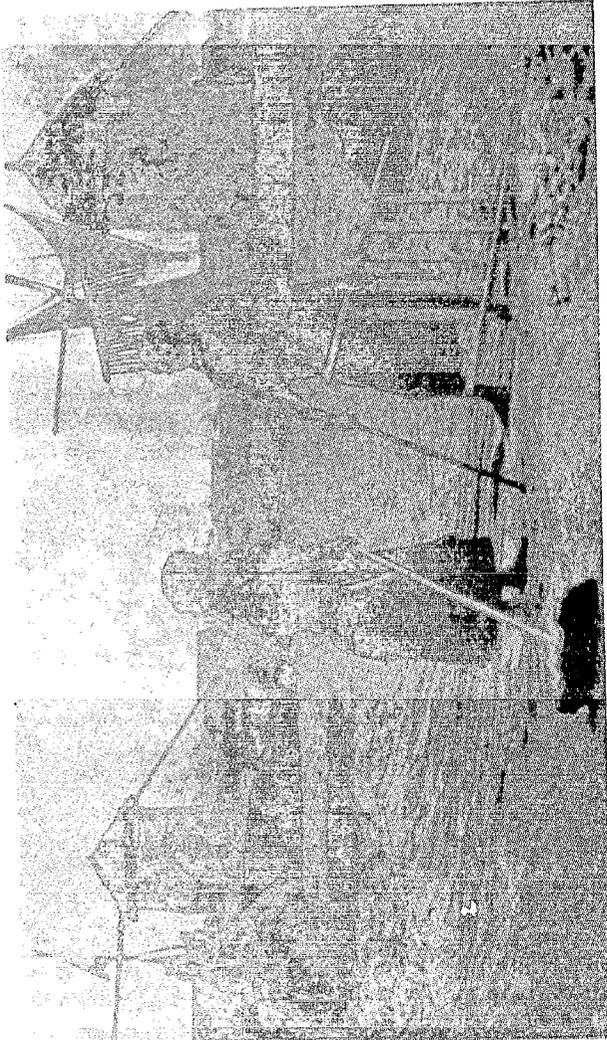
(2) *As duas fiandeiras*, pág. 58, Lisboa, 1881.

E Gomes de Amorim acrescenta, indignado:

«É a pior rua de Avelomar, e do mundo, se rua pode chamar-se; e note-se que todas as outras são pouco melhores. Apesar das numerosas estradas ultimamente feitas no Minho, há ainda por lá muitas aldeias esquecidas, porque têm sido representadas em cortes por homens analfabetos ou vendidos aos ministros, pela reeleição. Esses ineptos, não o são, todavia, para tratar dos próprios interesses; mas o povo, que há-de ser sempre o mesmo, nem quando os vê a cavalo no orçamento, cortando para si os maiores tarsalhos de boi gordo, deixa de dar-lhe o voto. Portanto, agunte-se, e vá roendo os biscoitos da rua do rio das Canas, e de outras semelhantes».

Gomes de Amorim não olhava para os lados para fazer a sua crítica. Em nossos dias — se de nossos dias fosse — seria homem difícil de assoar para os poderes públicos. Nada perdoaria — quando de deslizes se tratasse. Primou sempre por ser homem corajoso. O primeiro sorriso deixa entrever o primeiro cabelo branco. O menino que foi — travesso, apumado, senhor do seu nariz, como quem diz da sua dignidade — já dava mostras do que seria quando homem maduro.

(continua)



Searceiras e moinhos de Avelomar (Fotografia de há poucas dezenas de anos).